

NATUREZA – EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS NAS SÉRIES INICIAIS

DIEGO CORRÊA MAIA¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre experiências didáticas nas séries iniciais, ligadas à Natureza, mais especificamente, sobre as noções de tempo atmosférico e clima. No artigo é discutida a importância dos PCNs para o Ensino da Geografia no primeiro segmento do Ensino Fundamental, principalmente pela valorização de teorias e práticas pedagógicas ligadas à fenomenologia. Dentre as práticas ligadas a esse aporte teórico, foram demonstradas experiências bem sucedidas sobre as primeiras noções sobre tempo e clima, mesmo sob a tutela dos Estudos Sociais. Foram também propostas atividades didáticas para o desenvolvimento das primeiras noções sobre o tempo atmosférico e o clima. A alfabetização geográfica e formação de professores nas séries iniciais encerraram o artigo e, dentro deste contexto, foi descrita uma experiência vivenciada como professor da disciplina “**Geografia no Ensino Fundamental**”, no curso de Pedagogia do PARFOR da Universidade Federal da Bahia (UFBA). As experiências nessa disciplina demonstraram a assimilação dos conteúdos ligados à natureza, comprovando, assim, a importância do fortalecimento e do retorno à alfabetização geográfica nas práticas pedagógicas professores do Ensino Fundamental I.

Palavras chave: séries iniciais, formação e tempo atmosférico.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss didactic experiences in the initial series, connected to nature, and more specifically, about the ideas of atmospheric weather and climate. In this article is discussed the importance of the National Curriculum Parameters for teaching Geography in the first segment of Elementary Education, especially for the valorization of pedagogical theories and practices related to the phenomenology. Among the practices linked to this theoretical framework, were demonstrated successful experiments on early ideas about weather and climate, even under the knowledge of Social Studies. In this article were proposed didactic activities for the development of the first ideas about the atmospheric weather and climate. The geographic literacy and teacher training in the initial series finalize the article and within this context, was described an experience as a teacher of discipline "Geography in Elementary Education", in the Pedagogy course of Paulo Freire's Platform (PARFOR) at the Federal University of Bahia (UFBA). The experiences in this discipline demonstrated the assimilation of contents linked to nature, thereby proving the importance of the strengthening and the return to geographic literacy teaching in the pedagogical practices of teachers from elementary school I.

¹ Unesp – Campus de Ourinhos (SP), diego@ourinhos.unesp.br

Keywords: early grades, training and atmospheric weather.

1 INTRODUÇÃO

Os motivos que nos sensibilizaram e nos levaram a discutir sobre experiências didáticas voltadas à Natureza nas séries iniciais, vão desde a ausência de trabalhos sobre a temática, assim como o “espanto” e a “revolta”, em relação à nova proposta curricular do Ensino Público do Estado de São Paulo, que estabelece a retirada das aulas de Geografia, História e Ciências dos três primeiros anos das escolas de tempo integral do Ensino Fundamental. Podemos dizer que este artigo é também uma moção de apoio ao retorno da matéria Geografia, junto ao currículo básico do ensino escolar paulista.

Apesar de tantos percalços, a Geografia como disciplina escolar, resistiu a grandes mudanças do sistema educacional brasileiro; essa nova diretriz da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no entanto, foi um “balde de água fria” para nós, geógrafos-educadores, principalmente pela potencialidade que a Geografia proporciona, munindo os alunos de “[...] códigos que permitem decifrar a realidade por meio da espacialidade dos fenômenos, ou seja, alfabetizar geograficamente” (PEREIRA, 2003, p. 14).

A alfabetização geográfica nesse nível de ensino de faz necessária e para isto se concretizar é preciso fortalecer a formação de professores, chamados de polivalentes, visto que são responsáveis pela transmissão de conhecimentos de diversas áreas do saber. Outro aspecto não menos importante, diz respeito à contribuição desta alfabetização no processo de aprendizagem da criança, ou seja, questiona-se qual será a contribuição da Geografia para o cotidiano do aluno nas séries iniciais.

Como mote principal do artigo, trataremos a discussão sobre a importância do desenvolvimento das primeiras noções sobre natureza nas séries iniciais, especificamente, sobre as noções de tempo atmosférico e clima. Esta discussão já se faz presente nos outros níveis de ensino, principalmente pelas dificuldades encontradas pelos docentes em abordar tal temática, visto serem conhecimentos abstratos e, geralmente, abordados fora da realidade dos alunos.

2 Parâmetros Curriculares Nacionais e a Natureza

Apesar das inúmeras críticas sofridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que versam desde o seu processo de elaboração, pressupostos teórico-metodológicos e ideológicos (STRAFORINI, 2011), esse documento foi fundamental para a valorização do ensino de Geografia nas séries iniciais, a partir de 1997.

Segundo Marques (2009), foi a publicação dos PCNs, o “divisor de águas” para a emancipação das matérias Geografia e História, apesar de terem sido “teoricamente” separadas em 1979. Callai (2011), embora teça elogios ao documento elaborado pelo Governo Federal com relação ao ensino de Geografia nas séries iniciais, relata, no entanto, que suas diretrizes básicas ainda não chegaram à escola.

Os PCNs trazem em sua estrutura a proposição de que a Geografia tem como intuito principal a “[...] ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental, de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem [...]” (BRASIL, 1997, p.99). Tendo como ponto de partida o lugar, o documento prescreve que os alunos do primeiro ciclo “[...] deve abordar principalmente as questões relativas à presença da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais [...]”(p.127), acrescentando, mais adiante, a necessidade de estudo “[...] das manifestações da natureza em suas múltiplas formas, presentes na paisagem local, é o ponto de partida para uma compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza” (p.127).

É notória a importância e atenção dada à Natureza pelos PCNs, assim como sua interação com a sociedade; no entanto, quando partimos para o ambiente escolar, a natureza é ainda trabalhada nas séries iniciais de forma fragmentada e separada da sociedade, reforçado por práticas pedagógicas que utilizam o discurso ambiental midiático, como fonte de informação e de referência para a escolha dos conteúdos (CALLAI, 2011).

A ausência de conteúdos ligados à natureza na Geografia escolar é motivo de discussão por pesquisadores que se dedicam à educação geográfica, como podemos verificar no relato da professora Nídia Nacib Pontuschka “[...] o estudo da natureza foi por muitos praticamente eliminado nas aulas de Geografia no 1º e 2º graus [...]”(PONTUSCHKA, 1997, p.270)”. Vale lembrar que esta citação faz menção à Geografia praticada por professores na década de 1980 e 1990. Será que

enfrentamos essa mesma dificuldade nos dias atuais?

Tendo como contribuições efetivas para a valorização de conteúdos ligados à natureza e desenvolvimento das noções geográficas ligadas ao tema clima, podemos citar os trabalhos de Furlan (2011), Steinke e Fernandes (2011), Steinke (2012) e Junior e Malysz (2010).

No primeiro trabalho citado, Furlan (2011) trata diretamente do preparo que o professor de Geografia necessita ter com seu aluno, em relação às manifestações da natureza, utilizando a percepção como instrumento de iniciação as noções geográficas, com o intuito de construção do “[...] olhar geográfico em relação à Natureza” (FURLAN, 2011, p.141). A autora tem como uma de suas preocupações “[...] superar as dificuldades para aprender e ensinar processos da natureza, particularmente no âmbito da Geografia (p.145).

Neste sentido, ao abordarmos o tema clima em sala de aula, podemos colocar à disposição experiências que propiciem a observação e a percepção dos fenômenos climáticos. O “galinho do tempo” é um bom exemplo para esta situação, já que, através da observação de sua coloração – rosa ou azul – indica a provável condição momentânea da atmosfera, caso esteja azul “tempo bom” ou umidade baixa, ora com aparência rosada significa possibilidade de chuva ou indica a presença de umidade no ambiente.

Ao propor a utilização de recursos visuais multimídia no ensino da climatologia escolar, Steinke e Fernandes (2011), reforçam a necessidade de inovação das práticas pedagógicas em sala de aula, tendo como recurso didático principal, ilustrações com suporte da multimídia sobre os fenômenos climáticos, justamente pelo elevado nível de abstração que o conteúdo exige. As autoras discorrem, também, sobre a necessidade aliar os fenômenos climáticos ao cotidiano do aluno.

Partindo da idéia das autoras, propõe-se como sugestão para se trabalhar com a noção de “tempo atmosférico” nas séries iniciais, uma ilustração de jornal, sobre a mudança dos “tipos de tempo”, durante um dia na cidade de São Paulo. Como podemos observar na figura 1, as **9:09 da manhã** o tempo de São Paulo (Capital) estava nublado, chovendo e com temperaturas baixas (16,3°C), no entanto, as **13:26 da tarde**, o tempo na capital paulista era de poucas nuvens, muito sol e altas temperaturas (27,9°C). Através da percepção das diferenças dos tipos de tempo que

se manifestam durante o dia, os alunos poderão dar os primeiros passos para a compreensão de que o tempo atmosférico é definido pela condição momentânea da atmosfera. A depender das condições do tempo atmosférico, a cidade e seus habitantes interagem com natureza, através dos alagamentos, congestionamentos, consumo de água e sorvetes, por exemplo.



Figura 1. PANORAMA DAS CONDIÇÕES DO TEMPO NA CIDADE DE SÃO PAULO
(FONTE: FOLHA DE PAULO, 2012, p.13)

A preocupação com a formação de professores e as práticas pedagógicas de ensino de temas ligados à climatologia, foi retratada por Steinke (2012) em um projeto desenvolvido numa escola privada do Distrito Federal, especificamente no 4º ano do Ensino Fundamental. Com o auxílio de imagens e o conhecimento prévio dos alunos, os desenhos por eles realizados, demonstraram a representação da paisagem local e a percepção de fenômenos climáticos recorrentes no Distrito Federal, como o “tempo seco” e o “tempo chuvoso”.

Partindo da percepção e da observação do tempo atmosférico, como

ferramenta para o ensino de climatologia, Junior e Malysz (2010) trazem uma importante contribuição para utilização das sensações corpóreas no registro das informações meteorológicas, sendo esta ação, uma técnica simples que pode ser utilizada em todos os níveis de ensino. Os pesquisadores relatam que [...] somos uma estação meteorológica ambulante, utilizando sensores qualitativos que nos permitem viver com as variações dos tipos de tempo, que nos afetam diariamente” (JUNIOR e MALYYSZ, 2010, p.213).

Partindo das idéias dos autores, é possível confrontar os dados climáticos expressos pelos meios de comunicação, por uma estação meteorológica, por um galinho do tempo e confrontá-los com as sensações corpóreas do nosso corpo.

3 Alfabetização geográfica e a formação de professores das séries iniciais

Para superar as dificuldades relativas à formação e a ausência de uma formação geográfica nas séries iniciais, nós professores temos que “*passar por cima*” das agendas políticas educacionais baseadas em interesses externos; superar as diretrizes que valorizam a quantidade de tempo do aluno dentro escola em relação à qualidade; o estímulo à competição e o meritismo como norteadores de verbas públicas, assim como problemas relativos aos materiais didáticos utilizados em sala de aula (STRAFORINI, 2004).

Dentro da Geografia escolar nas séries iniciais, Marques (2009) aponta várias dificuldades encontradas para a prática docente, com destaque para a estruturação do currículo que, na maioria das escolas brasileiras, está pautado ainda nos Estudos Sociais; o menosprezo da Geografia como conhecimento relevante nas séries iniciais; o fato de o ensino geográfico ter como objetivo principal a cidadania; a natureza ser tratada de forma isolada e o estudo da Geografia ser baseada os círculos concêntricos.

Partindo dessas dificuldades encontradas na estruturação do Sistema Educacional Brasileiro e na Geografia praticada nos bancos escolares, é necessário investir na formação dos professores do 1º segmento das séries iniciais, principalmente pela especificidade e por ministrarem “[...] conteúdos de natureza diversa, que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos, provenientes de diversas áreas do conhecimento” (MARQUES, 2009, p. 16-17).

Os pesquisadores da geografia escolar demonstram, através de seus trabalhos nas diferentes regiões do território brasileiro, a necessidade do fortalecimento da formação dos professores das séries iniciais, visando, conforme as palavras de Tomita (2006, p.31), munir o professor “[...] de um aporte teórico aliado a um bom procedimento pedagógico e [que] encare a produção do saber de forma que acentue o saber e sabor”.

Para comprovar a importância da Geografia nas séries iniciais, vários pesquisadores versam sobre sua importância da alfabetização geográfica associada ao processo de alfabetização. Podemos corroborar as palavras de Gonçalves e Lopes (2008, p. 52) de que “Associar uma alfabetização geográfica com processo de alfabetização do educando é possibilitar a formação de um cidadão consciente, capaz de realizar uma leitura crítica dos acontecimentos e perceber o espaço geográfico na sua totalidade”.

Reforçando o papel básico da Geografia nas séries iniciais, a alfabetização geográfica, segundo Marques (2009, p. 44) é fundamental para proporcionar, aos alunos,

[...] à compreensão da linguagem desenvolvendo um raciocínio dentro da disciplina, que possibilite a leitura de mundo, o entendimento de vocábulos e conceitos próprios, de forma que ela identifique o espaço, sua construção e as dinâmicas existentes.

Podemos citar como exemplo de “alfabetização geográfica” ligada à natureza, a prática aplicada pela professora Iara, ministrando conteúdos de Estudos Sociais, em 1987, no qual desenvolve um “calendário do tempo”, com a intenção de trabalhar as noções de tempo e clima (Figura 2). A atividade foi aplicada na 4ª série (5º ano) da Escola Estadual João Batista Leme, sediada no município de Rio Claro – SP.

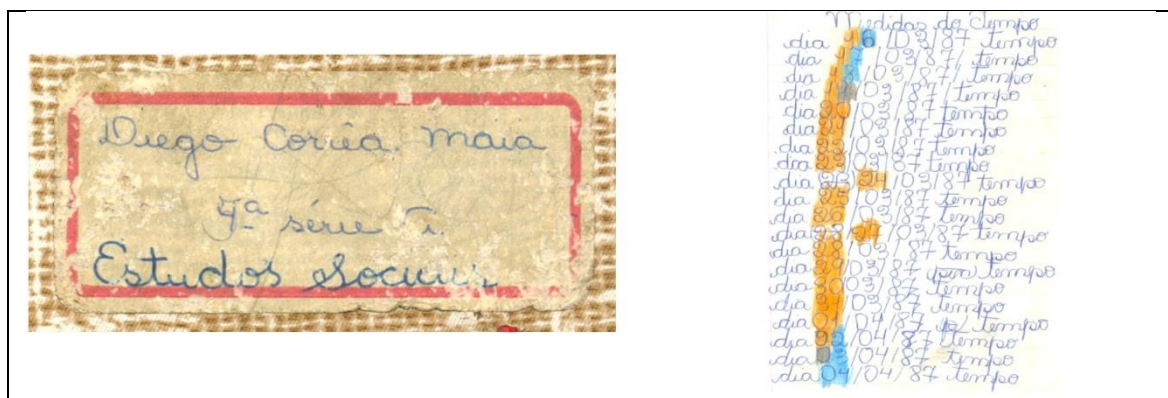


Figura 2. CALENDÁRIO DO "TEMPO" REALIZADO NA 4ª SÉRIE (5º ANO) NA MATÉRIA ESTUDOS SOCIAIS EM 1987 (Fonte: CADERNO DO AUTOR, 1987).

A atividade consistia em observar as condições do tempo em todos os meses do ano e tinha como objetivo “colorir o dia” – dividido em manhã e tarde – com laranja/ensolarado, cinza/nublado ou azul/chuvoso (Figura 2). Como é possível observar, o mês de abril foi predominante ensolarado, com poucos dias nublados e com chuva, ou seja, foi possível perceber através da atividade, as mudanças do tempo atmosférico com o passar do tempo cronológico. Outra atividade realizada pela professora foi a observação dos principais tipos de tempo, presentes no verão e no inverno, tendo a chuva como elemento de destaque no verão e a ausência dela, o destaque no inverno. Além disso, eram realizadas comparações entre as observações dos alunos que residiam próximos ou distantes da escola, sendo possível, assim, notar as diferenças e semelhanças nas percepções do tempo pelos discentes.

Nesse ano de 1987, a Geografia foi contemplada em muitas atividades, desde a cartografia escolar até os aspectos do relevo do Estado de São Paulo. Partindo dos exemplos demonstrados, podemos perceber que a alfabetização geográfica em relação à natureza foi realizada nas séries iniciais, mesmo sob a tutela dos Estudos Sociais. A formação da professora Iara foi decisiva para o processo de ensino e aprendizagem das primeiras noções sobre a alfabetização geográfica.

4 Experiência didática no PARFOR

Neste momento, iniciaremos um relato de uma experiência didática ligada à Natureza, especificamente, sobre práticas pedagógicas que abordaram as noções de tempo atmosférico e clima, nas séries iniciais. Os resultados apresentados são oriundos do trabalho desenvolvido como professor da disciplina intitulada **Geografia no Ensino Fundamental**. Essa disciplina integra a grade curricular do 3º semestre do curso de Licenciatura Especial de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mais conhecido como PARFOR. A disciplina foi ministrada no segundo semestre de 2011.

Com aproximadamente 40 alunos, o grupo de discentes era bastante heterogêneo, desde a idade, formação, tempo de atuação no magistério, origem das cidades – nem todos os alunos eram de Salvador –, assim como desempenhavam diferentes papéis dentro do cotidiano escolar. Tínhamos desde diretoras de escolas a professoras substitutas. Um fato que chamava muita atenção era a vontade que

esses alunos tinham em aprender, apesar de as aulas serem às sextas e aos sábados, no período da tarde.

Com uma carga horária de 68 horas/aula, tínhamos que “dar conta” de um programa de ensino “denso”, que abrangia os principais fundamentos teórico-metodológicos e pedagógicos do ensino de Geografia; principais categorias – lugar e paisagem – e sua importância na geografia escolar; cartografia escolar; interpretação do PNCs; livros didáticos; trabalho de campo e estudo do meio; transposição didática e recontextualização e assim por diante. No final do programa de ensino, a discussão era sobre a sociedade e natureza e as diferentes linguagens do ensino de Geografia.

O PARFOR é um curso que apresenta características específicas, cujos alunos/professores, em sua maioria, já atuam no magistério e se afastam uma semana por mês das escolas em que trabalham, para assistirem às aulas do curso. Partindo desta especificidade, uma de nossas avaliações foi a apresentação de um seminário, através da escolha de um tema dentro do programa de ensino. Os discentes eram reunidos em duplas e apresentavam a prática pedagógica. Os temas mais escolhidos pelo grupo foram a cartografia escolar, através do mapa do corpo; e de atividades didáticas que trabalhavam com o conceito de lugar, explorando, principalmente, as características de Salvador, utilizando, como fonte, os jornais de maior circulação da capital baiana.

Dentre as 19 práticas apresentadas, duas delas tinham como tema escolhido a natureza, especificamente o tempo atmosférico e as diferentes linguagens no ensino de Geografia. A primeira apresentação foi o trabalho desenvolvido com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, no qual as professora utilizavam um “calendário do tempo”, fixado na lousa. Segundo seus relatos, a cada início de aula elas reuniam os alunos e os questionavam “Como estava o tempo lá fora”, e após o consenso coletivo, uma seta móvel se deslocada para “clima” quente, frio ou fresco, como podemos observar na figura 3.



Figura 3. MUDANÇA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA (FONTE: FOTOS DO AUTOR, 2011).

Após as discussões sobre a diferença entre as noções de tempo atmosférico e clima nas aulas do PARFOR, as professoras alteraram a palavra “clima” no calendário do tempo, para a palavra “temperatura”, ou seja, a sensação térmica que os alunos percebiam – quente, frio ou fresco – que “fazia” fora da sala de aula (figura 3). Segundo Bonfim (1997, p. 105) existe uma grande dificuldade por parte dos alunos para a [...] construção ou elaboração do conceito de temperatura”. Conforme a autora, apesar de sermos informados pela mídia sobre a previsão das temperaturas máximas e mínimas diárias, [...] seu conceito é bastante abstrato, diferenciando-se, neste sentido do da chuva, que se refere a um fenômeno concreto, porém descontínuo” (p.105).

A segunda atividade prática foi representada através de um teatro de fantoches em forma de cordel, intitulado “**Cordel da Climatologia**” (Figura 4). As alunas elaboraram um cordel com base no artigo “**A utilização dos ditos populares da observação do tempo para a Climatologia escolar no Ensino Fundamental II**” de autoria de Diego Corrêa Maia e Ana Claudia Nogueira Maia. Vale lembrar que o artigo foi utilizado para discutir as noções de tempo e clima e sua relação com o cotidiano as pessoas

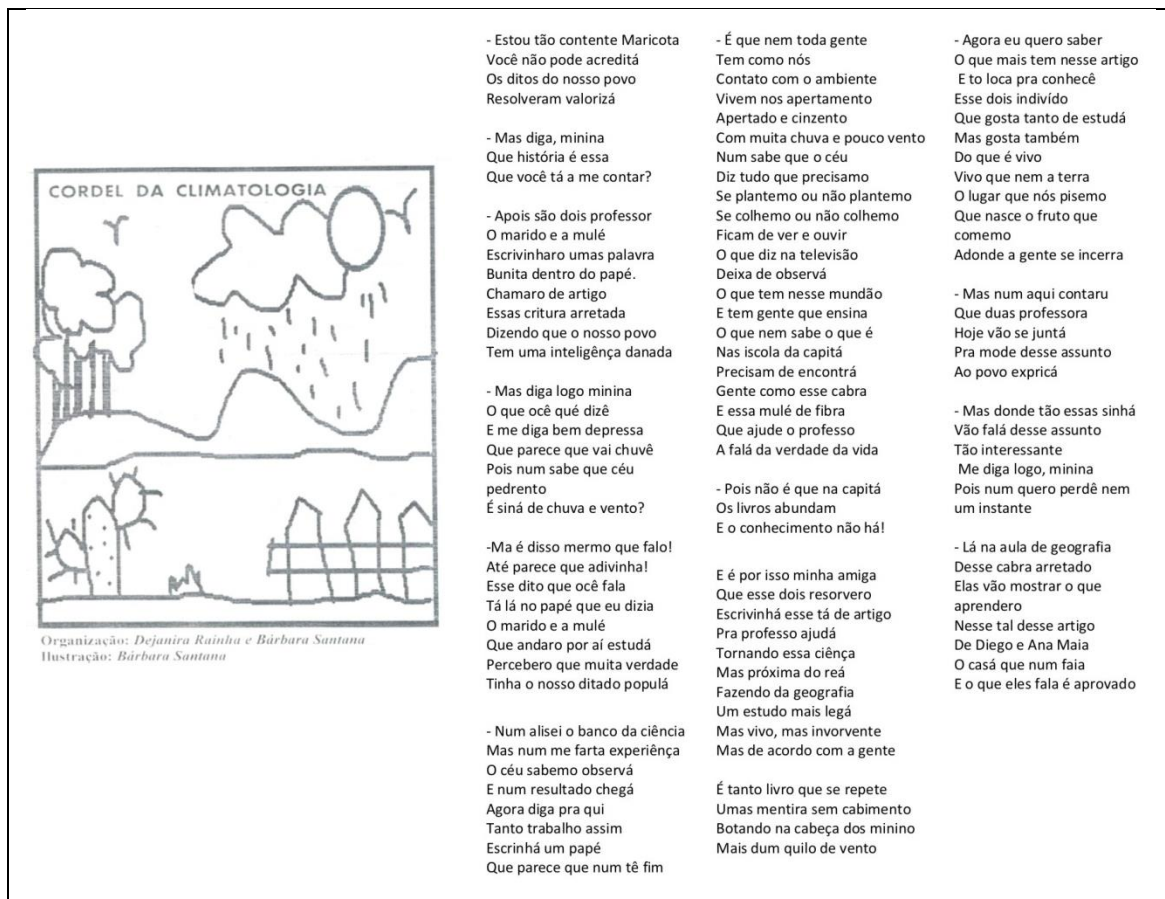


Figura 4. CORDEL DA CLIMATOLOGIA (FONTE: RAINHA E SANTANA, 2011).

Dois aspectos se destacaram na atividade. O primeiro aspecto foi ilustração da capa do Cordel, que representou o “tempo chuvoso – Salvador” e o “tempo seco – Sertão”, presente em diferentes nas paisagens do território baiano (Figura 4). O segundo aspecto foi a riqueza dos versos escritos no cordel. Além de inúmeros termos e conceitos ligados à Geografia, gostaríamos de destacar alguns trechos, que retratam a importância da observação da natureza pelas pessoas.

“– *É que nem toda gente, tem como nós, contato com o ambiente, vivem nos apartamento, apertado e cinzento*” e “*ficam vivendo de ouvir, o que diz a televisão, deixa de observa, o que tem nesse mundão*”.

Este trecho mostra a visão e/ou entendimento da relação sociedade/natureza que as autoras/alunas têm sobre a necessidade de demonstrar a realidade dos alunos das grandes cidades, pautado no distanciamento da natureza e no excesso de informações provenientes dos programas televisivos, além de tudo, trancafiados dentro de um apartamento “*apertado e cinzento*”.

Outro trecho relevante, diz respeito à valorização da Geografia no ensino

fundamental, quando elas relatam:

“-Fazendo da Geografia, um estudo mais legá, mais vivo, mas invorvente, mas de acordo com a gente”

“-Pois num quero perdê nem um instante, lá na aula de Geografia”.

Diante da interpretação das linhas e entrelinhas do “Cordel da Climatologia”, ficou comprovada a necessidade de trabalharmos as primeiras noções sobre natureza e sua importância na alfabetização geográfica, assim como a importância de utilizarmos o “calendário do tempo” para assimilação das primeiras noções do tempo atmosférico e do clima, no primeiro segmento das séries iniciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo, foi abordada a relevância da alfabetização geográfica nas séries iniciais, principalmente dos temas ligados à natureza. A ausência de práticas pedagógicas que envolvem a natureza é constatada, seja pela episteme geográfica, seja pela forma como é abordada, geralmente de maneira fragmentada e desvinculada da realidade dos alunos. Com auxílio dos PCNs, da experimentação e da percepção dos fenômenos climáticos, é possível articular práticas pedagógicas que trabalhem as primeiras noções de tempo e clima nas séries iniciais, utilizando como recurso básico, a observação e as sensações do corpo humano perante as manifestações do tempo e do clima.

As experiências didáticas discutidas sobre o entendimento das primeiras noções do tempo e clima têm, como base, as influências das manifestações do tempo e do clima no cotidiano dos alunos; a alfabetização geográfica, no entanto, é primordial para incentivar os alunos a pensarem na espacialidade dos fenômenos.

As políticas públicas para a formação de professores têm gerados bons frutos, visto o exemplo do PARFOR, relatado durante o artigo. De outro lado, temos a retirada pelo Governo paulista, da matéria Geografia das séries iniciais nas escolas de tempo integral. Realmente, é preciso rever esta ação para não retrocedermos na evolução da educação geográfica, justamente num momento em que a pesquisa sobre ensino está em voga nos debates acadêmicos e nas escolas.

As instâncias responsáveis pela regulamentação e normatização do ensino público no Brasil, necessitam alinhar seus discursos e ações, para que o educando não sofra prejuízos em sua formação, principalmente em relação aos conhecimentos geográficos, imprescindíveis para a vida do aluno.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia 1º e 2º ciclos**. Brasília, MEC/SEF, 1997, 166p.

BONFIM, B. B. R. **Uma proposta metodológica para o ensino de climatologia no primeiro grau**. 1997. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada nas séries iniciais? Ou: aprende-se Geografia nas séries iniciais? In: TONINI, I. M. (Org.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2011, p.29-39.

FOLHA DE SÃO PAULO, Casamento espanhol. **Cotidiano**, São Paulo, 28 de nov. 2012, p.13.

FURLAN, S. A. Natureza e ambiente no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de. (Orgs). **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia**. Goiânia, Editora da PUC - Goiás, 2011, p. 139-148.

GONÇALVES, T. R. P. da S.; LOPES, J. J. M. Alfabetização geográfica nos primeiros anos do ensino fundamental. **Instrumento**. Juiz de Fora, v.10, p.45-52, 2008.

JUNIOR, P. F.; MALYSZ, S. T. Observação sensível do tempo atmosférico: uma ferramenta para o ensino de climatologia. SIMPÓSIO PARANAENSE DE ESTUDOS CLIMÁTICOS E XIX SEMANA DE GEOGRAFIA, 2, 2010, Maringá. **Anais...** Maringá, 2010, p.213-224.

MARQUES, V. M. **Alfabetização geográfica: o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2009. 138f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, D. Paisagens, lugares e espaços: a Geografia no ensino básico. **Boletim**

Paulista de Geografia, nº79, p.9-21, 2003.

PONTUSCHKA, N. N. A climatologia no ensino fundamental e médio. **Boletim Climatológico**. Presidente Prudente, v.3, nº 3, p.270 - 279, 1997.

STEINKE, E. T.; FERNANDES GOMES, K. Instrumentação para o ensino de temas em climatologia com material multimídia. **Revista Didáticas Específicas**, nº5, 2011, p.1-19.

STEINKE, E. T. Prática pedagógica em climatologia no ensino fundamental: sensações e representações do cotidiano. **Acta Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial Climatologia Geográfica, p. 77-86, 2012.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. São Paulo, Annablume, 2004, 190 p.

STRAFORINI, R. o currículo de Geografia das séries iniciais: entre conhecer o que se diz e o vivenciar o que se pratica. In: TONINI, I. M. (Org.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2011, p. 41-60.

TOMITA, L. M. S. O saber e o sabor no ensino de Geografia. In:ANTONELLO, I. T.; MOURA, J. D. P.; TSUKAMOTO, R. Y. (Orgs). **Múltiplas geografias: ensino-pesquisa-reflexão**. Londrina: Edição Humanidades, 2006, p. 29-47.